

DOSSIÊ BREXIT: Braxit (e champanhe)

Fonte: Rebellion.org – 29/06 – Tradução Charles Rosa

A votação de quinta-feira, 23 de Junho, é de importância histórica. É um grande momento para a democracia. Ao votarem em 51,9% dos britânicos para abandonarem a União Europeia, deram ao mundo uma lição de democracia e, provavelmente, também mudaram o nosso futuro.

Uma lição de democracia

Esta lição de democracia pode ser vista em vários níveis; em primeiro lugar, na vontade do Primeiro-Ministro britânico David Cameron, que admitiu que posições divergentes seriam expressas no seu próprio partido (partido conservador) e no seu próprio governo. Do mesmo modo, a maturidade dos eleitores britânicos, que legitimamente chocados com a tragédia representada pelo assassinato de Jo Cox, não se deixaram dominar pela emoção e mantiveram as suas posições devido à saída da UE, é de saudar.

Claro que nem tudo foi perfeito nesta campanha. Houve excessos e mentiras, como os do Ministro das Finanças, George Osborne [1], que, com uma licença de Bruxelas, anunciou uma catástrofe. Embora a cobertura da mídia tenha sido tendenciosa a favor da “permanência”, ela foi menor do que seria se tal votação tivesse ocorrido na França [2].

É notável a forma como a comunidade financeira levou a cabo uma campanha histórica para manter o Reino Unido na UE. Estes círculos só têm um interesse, dinheiro. Mas os eleitores não ficaram impressionados nem com o dinheiro nem com os argumentos de autoridade na mídia.

O sucesso da “saída” no referendo pode ser comparado ao

sucesso do “não” no referendo sobre o projecto de Constituição Europeia em França, em 2005. Em ambos os casos, o eleitorado e os trabalhadores resistiram à pressão dos jornalistas pagos e das autoproclamadas “elites”. E o novo líder trabalhista britânico, Jeremy Corbyn, que fez campanha para permanecer na UE, foi repudiado por uma parte significativa dos seus eleitores.

Os dois referendos refletem a vitalidade dos sentimentos democráticos de ambos os lados do canal. Por outro lado, o referendo britânico constitui um verdadeiro golpe para o Presidente dos Estados Unidos, que viajou para o Reino Unido há algumas semanas para convidar os eleitores a permanecer na União Europeia; este fato reflete a verdadeira natureza da UE.

Por último, nesta lição de democracia, David Cameron comprometeu-se a respeitar a decisão do povo britânico e o procedimento jurídico para a saída do Reino Unido da União Europeia. Mais uma vez, este fato está em flagrante contraste com o comportamento das elites políticas francesas, que sempre se recusaram a implementar a decisão dos eleitores de um NÃO à Constituição Europeia.

A negação da realidade

Esta lição de democracia terá consequências importantes para o futuro. Nem tanto as consequências financeiras. A turbulência nos mercados financeiros durará alguns dias e depois se acalmará quando os operadores advertirem que a votação não interromperá o fluxo de bens ou serviços. Se pensarmos que as estatísticas económicas da Noruega e da Suíça, que não são membros da UE, não estão de todo a correr mal. As consequências mais importantes são obviamente políticas.

Recorde-se que é a primeira vez que um país membro da UE (antiga Comunidade Económica Europeia) toma a decisão democrática de se separar desta instituição. O impacto desta medida será considerável. O efeito da imitação, já o podemos

ver em outros países, como a Dinamarca, a França ou os Países Baixos. A votação está dando ideias aos vários partidos eurocéticos.

Para além da vitória dos chamados “populistas” (M5S de Beppe Grillo) nas eleições locais italianas, ou do fracasso do candidato do Partido da Liberdade nas eleições presidenciais na Áustria, existe de fato uma forma de rebelião contra a União Europeia. Este sentimento é atribuído a um estudo realizado pelo Centro de Investigação – PEW – que nos mostrou como as opiniões adversas à UE superam em número as opiniões favoráveis em 4 países: Espanha, Grécia, França e Reino Unido [3].

O voto britânico não acontece por acaso, realça a magnitude da negação da realidade praticada pelas elites europeias, para quem o resultado da votação não deveria ter sido uma surpresa. A política da negação, sendo o que é, questiona seriamente as pessoas que fizeram essas escolhas.

Por conseguinte, é provável que estejamos assistindo, nas próximas semanas, a uma intensa campanha por parte destas elites políticas. Mas os fatos são teimosos: nenhum compromisso com um maior “federalismo” ou mais opções “supranacionais” se tornarão realidade. Só produzirão mais resistência por parte dos cidadãos. Esperemos que seja encontrada uma solução rápida, caso contrário esta resistência poderá assumir formas violentas.

O voto britânico leva-nos à convicção de que outro projeto europeu tem de ser implementado. A lógica e o bom senso dizem-nos para tomarmos nota; é necessário regressar a formas mais respeitadoras de soberania e democracia nas nações que compõem a Europa.

Becos sem saída e a importância da “esquerda” na luta

Há uma última lição. A vitória da “saída” foi possível na Grã-Bretanha porque parte do eleitorado trabalhista votou contra

as instruções dadas pela sua liderança partidária. Isto conduz a duas observações.

A primeira é o grau de cegueira das lideranças dos partidos social-democratas que se recusam a admitir que as consequências práticas da UE são negativas para as classes populares. E que os tratados europeus foram o cavalo de Tróia da desregulamentação e da financeirização das economias nacionais.

Continuar hoje a tentar mudar a UE a partir de dentro para manter um discurso sobre a “Europa social” é uma mentira como um beco sem saída. Esta mentira deve ser denunciada incansavelmente se quisermos que um dia seja bloqueada.

O segundo ponto é a importância de uma votação a que se pode chamar “soberanista” de um eleitorado de esquerda tradicional. Este eleitorado não se deixou manipular pela mediação política. No Reino Unido, as comissões de base do Partido Trabalhista britânico criticaram a decisão cupular que apoiava a continuidade na UE. Neste caso, importa salientar a importância da autonomia organizacional do eleitorado de esquerda, que se expressa através de opções soberanistas.

Notas

[1] <https://russeurope.hypotheses.org/5030>

[2] <https://russeurope.hypotheses.org/5022>

[3] <http://www.pewglobal.org/2016/06/07/euroskepticism-beyond-brexit/>